



A lição de 15 de novembro: nas ruas, o brasileiro comemorou sua clara opção de votar contra o governo

Eleitor vota na oposição, contra PT e governadores

O brasileiro votou na oposição. Abertas as urnas de 15 de novembro, os resultados permitem concluir que esmagadora maioria dos 82 milhões de eleitores votou contra o governo. E não apenas contra o governo federal, já que despacharam para o segundo turno os candidatos que encarnaram o papel de maiores adversários do presidente José Sarney. Na maior parte dos 24 Estados e dos 4.400 municípios brasileiros, o eleitor demonstrou insatisfação com os governantes, sejam eles do PT, que perdeu a disputa nas capitais que estão sob sua administração, ou do PMDB, cujos governadores demonstraram muito desgaste nas urnas.

No Maranhão do presidente José Sarney — onde o presidente só conseguiu ganhar uma eleição (1986) desde que assumiu

o lugar de Tancredo Neves no Palácio do Planalto —, Collor ameaça levar mais de 35% dos votos, enquanto Lula, em segundo lugar, deve ficar com 20%. Em São Luís, onde Sarney perdeu as duas últimas eleições para prefeito, esses índices do Estado devem se repetir. Na cidade que o abriga, o governo também perdeu: Lula deve ficar com quase 30% dos votos de Brasília, enquanto Collor pode levar pouco mais de 20%.

Pelos resultados das urnas, a eleição de 15 de novembro mostra, por exemplo, que mais do que o voto útil, o que valeu no primeiro turno da disputa presidencial foi o voto de protesto. O governador do Ceará, Tasso Jereissati, que se engajou fundo na campanha do tucano Mário Covas, provou estar com sua popularidade em baixa, mesmo tendo sido o único governador a fazer o prefeito da capital na eleição do ano passado. Pelas projeções, Covas deve

ser o terceiro colocado nas urnas cearenses, com 16% dos votos. Fernando Collor pode ficar com 33%, enquanto Leonel Brizola, do PDT, deverá ter 17%.

Em Florianópolis, depois de muita indecisão, o prefeito Esperidião Amin apoiou Fernando Collor e amargou, nas urnas, uma quarta colocação.

Brizola, Covas e Lula chegaram na frente de Collor, que está numa disputa apertada com Afif Domingos. Em Natal, a prefeita Wilma Maia, do PDT, ficou com Brizola — mas as urnas deram Lula, Collor e Covas.

É certo que, neste festival de votos de protesto, muitas vezes a rejeição ao governo misturou-se com a rejeição ao candidato. É o caso dos governadores do PMDB. Moreira Franco perdeu no Rio de Janeiro para Brizola, Newton Cardoso foi derrotado por Collor e Orestes Quêrcia teve suas credenciais de maior cabo eleitoral de Ulysses Guimarães postas em xeque.

Quêrcia foi derrotado na capital por Covas, no Estado por Collor e não conseguiu ajudar o candidato do seu partido nem na cidade onde fez carreira: Campinas — administrada pelo PT de Jacó Bittar — preferiu Mário Covas (cerca de 25%), Collor e Lula (20% cada) e Paulo Maluf (19%). Ulysses Guimarães conseguiu apenas empatar com Leonel Brizola, com 2%.

O voto de protesto, contudo, mostrou-se insuficiente para derrubar algumas fortalezas eleitorais. Em Carazinho, no Rio Grande do Sul, onde nasceu, Leonel Brizola faturou sete de cada dez votos. Derrotado na sua cidade natal, Garanhuns (PE), o petista Luiz Inácio Lula da Silva provou força da sua candidatura no berço do partido, São Bernardo do Campo (SP). Lula arrancou 35% dos votos da cidade, deixando para trás Covas e Maluf, que repartiram o segundo lugar com cerca de 20% cada.



Márcia Goet/AE



A festa cívica proporcionada pelo povo nas eleições foi também um claro recado que exige mudanças e atinge em cheio lideranças como Orestes Quêrcia e Luiza Erundina